

36

PROJETO CINESTÉSICO: EDUCAÇÃO E CINEMA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO PROBEX-2019

Virgínia de Oliveira Silva¹⁰

Isaque da Silva Moraes¹¹

Thainá de Vasconcelos Gomes¹²

Josuel Belarmino de Oliveira¹³

Rebeca Machado de Albuquerque¹⁴

Iago Salles Lobo Correia¹⁵

O Projeto Cinestésico vincula-se ao Grupo de Pesquisa em Educação e Cinema - PEDCINE do CE/UFPB. Utilizando metodologia dialógica, a equipe do Cinestésico baseia-se nos ensinamentos de Freire (2006), articulando pesquisa, ensino e extensão, para atingir os objetivos de pesquisar, exhibir, debater e produzir textos e audiovisuais em espaços educativos da Paraíba.

10 Docente do CE-UFPB, Coordenadora do Cinestésico, PROBEX 2019 - cinestesico@gmail.com

11 Licenciando em Letras-UFPB, Bolsista do Cinestésico, PROBEX 2019 - moraes.isaque050@gmail.com

12 Licencianda em Letras-UFPB, Voluntária do Cinestésico, PROBEX-2019 - thaina.gomes3210@gmail.com

13 Licenciando em Letras-UFPB, Voluntário do Cinestésico, PROBEX-2019 - josuelbelarmino17@hotmail.com

14 Licencianda em Letras-UFPB, Voluntária do Cinestésico, PROBEX-2019 - rebecaalbuquerque01@gmail.com

15 Licenciando em Letras-UFPB, Voluntário do Cinestésico, PROBEX-2019 - iagosalleslobocorreia@gmail.com

O Projeto Cinestésico, no âmbito da difusão, da recepção, da formação de plateias e de polos de exibição, colabora para a discussão das Leis 13.005/2014 e 13.006/2014 e para o acesso aos bens audiovisuais dentre docentes e discentes, ao desenvolver e participar de múltiplas ações em torno do Cinema e da Educação em espaços educativos do Estado da Paraíba e, por vezes, em outros estados.

Em nossas reuniões semanais, organizamos as ações realizadas por nossa própria equipe e/ou pelos nossos parceiros internos e externos, a saber: exibição e debate de curtas e longas metragens paraibanos e nacionais; produção de textos; leituras teóricas; debates com convidados; produção audiovisual; curadoria de filmes; elaboração e apresentações de artigos e trabalhos; participações em eventos locais, nacionais e internacionais; escrita de roteiros; realização de mostras cinematográficas; participação em diversas oficinas sobre várias áreas da Linguagem Cinematográfica.

Na relação ensino, pesquisa e extensão, inauguramos campos investigativos, voltados para a recepção do público, sobretudo, nos exercícios de escrita e reescrita continuamente praticados pelos membros de nossa equipe, após assistirmos a filmes paraibanos e nacionais e lermos textos de análise cinematográfica, com o objetivo de qualificar o trabalho junto ao Projeto Cinestésico. Nessa atividade, foram lidos artigos escritos pela coordenadora do Cinestésico e por outros autores, versando sobre análises fílmicas e/ou reflexões sobre Educação e a cena cinematográfica paraibana; paralelamente, a equipe do Cinestésico produzia pe-

quenos exercícios fílmicos, bem como, escrevia e reescrevia seus próprios textos sobre alguns dos filmes vistos e debatidos.

METODOLOGIA

As propostas do Projeto Cinestésico baseiam-se nas concepções de pesquisa participante (FREIRE apud BRANDÃO, 1999) e da pesquisa-ação (THIOLLENT, 2003), relacionando-se com os propósitos de uma formação cidadã que se baseie no Estudo da Realidade (FREIRE apud BRANDÃO, 1999) e na perspectiva da Cidade Educadora (GÓMEZ-GRANELL, 2003; GADOTTI, PADILHA, CABEZUDO, 2004), lidando com as linguagens audiovisuais. As exposições audiovisuais ocorreram no Campus da UFPB e em cidades parceiras do projeto. As projeções, muito mais que objeto de simples fruição, possibilitaram debates com a presença de convidados, estimulando, no ambiente educativo, um espaço de troca e reflexões sobre questões de interesse nacional e mundial abordadas nas obras exibidas. Nas diferentes cidades, ocorreram debates com convidados, vivências de oficinas - espaço-tempo em que a população, os estudantes, professores e graduandos da UFPB puderam ressignificar os conceitos e as linguagens audiovisuais, bem como as temáticas propostas. As atividades foram realizadas pela equipe do Cinestésico, de 03 a 12/2019, durante 20 horas semanais, ligadas às dinâmicas da componente curricular "Política Educacional da Educação Básica", do Curso de Pedagogia e das diversas Licenciaturas da UFPB. Ademais, a equipe do Cinestésico teve a chance de apresentar o Projeto em eventos ocorridos na Universidade Federal da Paraíba (Encontro de PROBEX do CE, II Seminário de Exten-

são do CCHLA e ENEX geral da UFPB), nos quais, igualmente, socializamos nossos trabalhos sobre a Educação através do Cinema. Essas experiências foram somatórias para a formação docente de nossa equipe de licenciandos, enquanto que, ao mesmo tempo, pudemos compartilhar da rica e fértil vastidão das produções paraibanas no ambiente acadêmico.

Durante alguns encontros do Cinestésico, os participantes do projeto elaboraram textos que expressassem as impressões despertadas pelos curtas paraibanos que haviam acabado de assistir. Esse processo foi regido pela metodologia “(re)ver, (re)ler, (re)escrever”, pela qual assistíamos ao filme selecionado e relatávamos por escrito a nossa primeira impressão sobre ele, em seguida, deveríamos ler e debater conjuntamente um artigo crítico sobre o mesmo filme assistido e que nos apresentava uma visão mais aprofundada acerca de sua narrativa fílmica e, após essa leitura, revíamos o filme mediante as novas informações apontadas no texto e passávamos a relatar, por escrito novamente, essa segunda experiência com a obra. Os voluntários e o bolsista do Curso de Letras-Português consideraram essa metodologia bastante produtiva e inspiradora, uma vez que possibilitou exercitar suas faculdades de interpretação cinematográfica e escrita crítica. Além disso, os textos entregues à Coordenadora do Cinestésico foram revisados por ela, reapresentados e debatidos nas reuniões seguintes, no processo de orientação coletiva. Esse feedback foi essencial para o nosso aprendizado e para a nossa motivação. Apresentamos, a título de exemplificação, reflexões

d@s licenciand@s da equipe que assinam o presente artigo, sobre 3 curtas paraibanos, a partir dessas experiências:

I) “Sophia” (Fic., 15’, Coremas-PB, 2013), curta-metragem de Kennel Rógis, baseado em história real, retrata a vida de uma mãe e sua filha, Sophia, deficiente auditiva e os problemas que enfrentam na cidade do alto sertão paraibano onde habitam. A mãe de Sophia é costureira em uma fábrica, e, além de executar as atividades domésticas, costura em casa, a fim de aumentar suas finanças. Inicialmente, vemos a mãe num ambiente cheio de máquinas de costura. A filha está do lado de fora, brincando de boneca, enquanto um segurança tenta falar com ela que não o atende. Logo deduzimos que a criança é surda. Depois, a mãe organiza contas, a filha vem almoçar e a percebe triste. Sophia busca um rádio e o entrega ligado, mas fora de estação, à mãe que o sintoniza e ambas começam a dançar. A mãe, antes preocupada, demonstra-se alegre. A mãe aparece em diversas cenas atormentada com as dificuldades enfrentadas pela filha e os problemas financeiros que as cercam. Ela costura, enquanto pensa nas brigas com Sophia, externando descontentamento por não saber lidar ou por lidar de forma errada com a filha. A mulher experimenta a condição de Sophia para entendê-la melhor, ao sair do trabalho com os protetores de ouvido, abafando os sons ao seu redor. Ao atravessar a rua, não percebe um carro que buzina alto. Depois, a mãe banha-se em um rio, submergindo a cabeça, abafando o som: aproximando-se da surdez de Sophia. Duas colegas de trabalho entregam à mãe um livro com dinheiro dentro. A mãe fica feliz por agora ter condições de comprar um presente de Natal e imagina aproximar-se da filha: ambas caminham, tomam banho juntas, brincam, Sophia aprende a quebrar um ovo, vão à loja de som... O contraste com seus primeiros pensamentos mostra que a mãe quer se tornar mais íntima da filha. A mãe prepara uma surpresa para Sophia: luzes natalinas e um aparelho

de som novo que vibra ao ser ligado ao máximo volume. Sophia sente as vibrações e acompanha a música. O piscar das luzes também a entretém. Vemos, então, que o livro que a mãe recebeu de presente é de Libras. No final, mãe e filha estão deitadas no chão, aproveitando o ambiente e a companhia uma da outra.

Após lermos *“Vendo e ouvindo atentamente o som em ‘Sophia’ de Kennel Rógis”*, SILVA et al. (s.d.), e revermos o curta, destacamos que a cena do quase atropelamento ganhou maior significado, pois percebemos que a mãe se distraiu por experimentar o mundo não sonoro da filha. Os protetores de ouvido abafavam o som, o espectador participa disso pelos efeitos da mixagem sonora do filme. Quando o som volta, ouve-se a buzina, saltamos nas poltronas com o susto, e voltamos à realidade da mãe, saindo do “mundo de Sophia”, como apontado por SILVA et al. (s.d.). Assim, a estética sonora evidencia-se. Os silêncios possibilitam ao espectador vivenciar a realidade de Sophia, aproximando-o da personagem. Há a valorização das outras formas de comunicação: o olhar, o toque, a vibração do som, a dança das luzes, o carinho. Todas as formas pelas quais a mãe expressa seu incondicional amor pela filha.

Notamos também a riqueza de detalhes na produção do filme: o cuidado com a paleta de cores e com os locais das filmagens. Encantou-nos o fato de que as cores utilizadas nas roupas e nos cenários significam algo, desde o tormento, angústia e preocupação que traz o amarelo, até a paz, calma e suavidade a que remete o azul. No filme não há diálogos, o que remete à realidade de Sophia como surda na sociedade, como também a atenção especial aos mais diversos sons que passam despercebidos no dia a dia. Percebemos, com SILVA et al. (s.d.), que mesmo não havendo diálogos, é fundamental que escutemos atentamente as músicas diegética e não-diegética, os ruídos, os silêncios, as músicas e o som ambiente do filme, para termos a ex-

períencia profunda da história da menina com deficiência auditiva, Sophia, e da sua mãe solteira e trabalhadora, com tripla jornada de trabalho, que encontra na sororidade entre amigas de trabalho e vizinhança algum ar de amizade e tranquilidade para poder respirar. (Equipe Cinestésico, 2019)

II) “A poeira dos pequenos segredos” (Fic, 20’, Congo-PB, 2012), curta-metragem de Bertrand Lira, retrata inicialmente um casal numa casa típica do interior nordestino. É interessante pensar a partir da perspectiva de que o curta seja originado de um conto, já que nele há pouquíssimas falas. Inicia-se com uma cena que se completa na cena final, fazendo com que o espectador fique atento à história para uma melhor compreensão. A mulher serve a comida ao homem e o observa. Depois, o homem toma sopa à mesa e a mulher questiona: “Que é que tu tanto procura nesse mundo afora, homem?” Com o decorrer do filme, vemos que é costume do homem sair a cavalo, deixando-a sozinha. A mulher comenta que ele demora cada vez mais em suas andanças, demonstrando-se insatisfeita. Enquanto o homem viaja, a mulher faz os afazeres domésticos: alimenta animais, busca água, penteia-se, passa roupas e dorme sozinha. O homem retorna, ambos vão para a cama, ele comenta: “O mundo não tem fim, é tudo mistério. A gente nunca vai descobrir tudo.” A mulher nada comenta e sorri. Enquanto o homem procura no mundo com o que se entreter, cabe à mulher ficar em casa, observar a paisagem e cuidar do lar, para, quando o marido retornar, servi-lo novamente. Mas isso muda, pois, nas cenas finais, vemos mãos (não sabemos de quem) preparando o cavalo e proventos. Depois, escutamos o cavalo partir. O homem acorda, procurando ver o que o barulho significa. A mulher seguiu o exemplo do homem: arrumou suas coisas, montou no cavalo e foi buscar os segredos do mundo. Um movimento de emancipação e independência, pois a mulher não comentou sua saída. Ela se liberta dos afazeres domésticos

para viajar e procurar seus desejos fora de seu lar e longe do homem. Resta ao esposo sonhar com o retorno dela e imaginar o que ela conquistaria e a poeira que espantaria.

Após lermos *“Sacudindo a poeira dos pequenos segredos”*, de SILVA (2016b), a nossa compreensão ao rever o curta foi ampliada, principalmente quando oferece a comparação entre os personagens do filme e os de *“Odisséia”* de Homero. Sendo a casa do casal comparada a Ítaca, Otilia com Penélope e seu marido a Ulisses. O homem indo a uma jornada, a mulher sozinha, esperando sua volta indefinida, mostrando a submissão feminina e a supervalorização masculina, mas, no curta, o foco não está na jornada do homem, e sim no cotidiano da mulher que fica. Somos levados a perceber que a trilha sonora e o jogo de luzes que envolvem o enredo aumentam a dramaticidade da história; a notar que ocorre a marcação do tempo pela sucessão dos dias e das noites, pela aparência dos personagens e pela dinâmica do dia a dia. Observamos também que a relação do casal, por sua vez, é de certa forma mecânica e sempre repetitiva, até mesmo durante as relações sexuais. A história expõe diversas problemáticas existentes, assim como o machismo, a dificuldade da vida sertaneja e o tabu da masturbação feminina. No final do filme, há uma reviravolta, a partir do momento em que o marido conta para Otilia que não é possível conhecer todo o mundo, isso parece despertar nela a curiosidade de explorar outras realidades e ela decide partir em busca de outras vivências, fazendo assim com que o marido tenha de passar as mesmas experiências de solidão que ela um dia teve. Ele, ao perceber o ocorrido, se desespera, ao ver que agora a sua mulher conquistou autonomia. Percebemos com SILVA (2016b) novos detalhes, como a escolha do cineasta pelo enquadramento em plano secundário da personagem feminina, enquanto o homem é sempre enquadrado em primeiro plano, apresentando-se muito maior que ela. Percebemos também que o ponto de vista da história é o dela, que a história que o

filme narra é sobre ela e a sua espera, pois o que vemos é o seu cotidiano e não o do homem em sua viagem. Vemos em tela apenas as atividades da mulher em sua espera vã. Percebemos que o mundo da mulher não ia além da casa e do quintal. A “exploração do universo”, como apontado por SILVA (2016b) no texto, era o homem que usufruía, literalmente sozinho, pois o espectador, assim como a esposa, não o acompanha. O foco e o desejo da mulher estão inicialmente centrados no homem. Já esse, não se sentindo nunca satisfeito, busca em suas andanças algo mais. Como a autora indica: “concluimos que a mulher, agora, assumindo as rédeas do cavalo e de seu próprio destino, passa a abrir novas vias”. Reforçamos nossa concepção inicial da independência feminina, após montar no cavalo e viajar. Enquanto a mulher permanecia em casa, seu objetivo era cuidar de seu lar e esperar pelo marido. Mas, ao tomar as rédeas de sua vida, o homem deixa de ser seu objetivo e ela pode buscar novos desejos e ambições. SILVA (2016b) nos auxilia a perceber isso com maior clareza, ao rever o filme. (Equipe Cinestésico, 2019)

III) “Amanda e Monick” (Doc., 19’, Barra de São Miguel-PB, 2008), curta de André da Costa Pinto, apresenta a vida de duas travestis, uma professora e outra prostituta. Inicia-se com a cena das duas personagens em frente a um espelho se maquiando e se arrumando, dando detalhes de suas vestimentas e dos locais onde moram, respectivamente. As bonecas compondo os quadros das cenas em que elas se maquiam, nos fazem pensar em como, de forma geral, a montagem de *drag queens*, travestis e *crossdressers* remete à caracterização de estereótipos femininos. As falas de Amanda e Monick revelam a presença da determinação de gênero. Amanda aponta como se percebeu homossexual através das brincadeiras tidas como femininas quando era criança. “É como colocar qualquer fantasia e ir para o carnaval”, comenta. Ambas tentam naturalizar o fato do estranhamento existente entre as pessoas em relação ao gênero

imposto pela sociedade, a expressão do que elas são e os papéis que desempenham no meio social. A percepção do homossexual e do travesti como anormal ou errado está nas falas das pessoas no filme. Ainda que digam “não discriminamos eles por serem travestis”, há pontos em suas falas que demonstram o quanto o processo de estranhamento à situação de Amanda e Monick é real, como nas falas dos alunos: “é uma pessoa normal”, “é como qualquer outro professor”, e ainda da própria Amanda que comenta que os pais “não temem” que seus filhos se tornem travestis futuramente. Percebe-se que a associação binária do gênero e as separações de normal e anormal, de *gay* e *hetero* e de mulher e homem são muito recorrentes, mesmo em ambiente em que há considerável entendimento entre as pessoas. Observamos a afirmação de identidade das duas. Monick, ao ser questionada sobre seu relacionamento com sua companheira lésbica Nilda, afirma que, para ela, “*bichas são eternamente bichas, não existe ex-bicha*”. Isso traduz a necessidade de afirmação de Monick como travesti. Antes da preferência sexual ou de qualquer limite estipulado pela sociedade, Monick é ela mesma. O casal aparenta se sentir confortável com o uso de ambos os pronomes, afirma que quando seu filho nascer, Monick será a mãe e Nilda, o pai. O pai de Amanda surpreende quando comparado aos que rejeitam filho gay, pois apoia o filho e sua forma de se expressar. Afirma que Amanda “nasceu homem, mas tem a cabeça feminina”, como ela mesma explica no início, que ser homossexual vem de nascença e que não há escolha nesse processo. A aceitação e apoio do pai são benéficos na vida dos dois, que mantêm uma relação íntima de “pai e filho” a todo custo.

Após lermos “*Amanda e Monick: documentário e ficção*”, de SILVA (2016a), percebemos que a produção e a edição do documentário nos remetem às de um filme de ficção. Contudo, o que mais nos chamou a atenção, após rever o filme, foram a percepção dos contrastes materiais entre as duas

travestis e a sugestão de como algo em comum pode ter influenciado nisso: a família. Isso nos havia passado totalmente despercebido, antes da leitura do texto! Amanda pertence à classe média e é professora em duas escolas, tem o apoio e amor do pai e recebe elogios nos depoimentos de pais e alunos. Já Monick é pobre, trabalha como prostituta e não apresenta familiares, apenas sua companheira que sequer ostenta um sobrenome.

Com SILVA (2016a), as nossas percepções dos sentidos do curta foram ampliadas, desde em relação aos pequenos detalhes dos cenários, vestimentas e posições de câmera até ao reconhecimento do preconceito disfarçado de aceitação. O documentário é bem produzido e há preocupação com os ângulos, fotografia, trilha sonora, mas isso não lhe tira a verossimilhança. Algo relevante para o qual SILVA (2016a) chama a atenção é a questão dos duplos perceptíveis, seja através dos espelhos, dos quartos das personagens, da forma de condução que cada uma utiliza para chegar até seus respectivos trabalhos e da apresentação do oposto existente em suas realidades distintas. É perceptível que a condição socioeconômica de Amanda advém de uma melhor estrutura psicológica e financeira de sua família, sendo isso um determinante para que se obtenha respeito diante de uma sociedade interiorana. Contudo, Monick sofre de forma mais severa a realidade por não haver recebido amparo durante sua infância e adolescência. Dois fatos são importantes de serem destacados, na nossa visão e percepção do curta. O primeiro é o fato do preconceito disfarçado durante os depoimentos exibidos, principalmente pela maioria chamar as personagens principais por pronomes masculinos. O segundo fato é o relacionamento da Monick com Nilda e a gravidez delas, é libertador ver que existem relações que ultrapassam limites impostos pela sociedade, pessoas que se permitem viver aquilo que querem e que são. É complicado se pensarmos no futuro da criança diante da situação econômica precária em que as duas vivem

e isso nos leva a pensar no fato de que a Monick enxerga a prostituição como uma saída para a situação financeira, diante de uma sociedade preconceituosa e que não oferece outras possibilidades. Alegra-nos perceber que apesar de todos os fatores contrários, ela ainda estuda e também é aluna da Amanda, pessoa que acreditamos ser inspiração para Monick. Destacamos também a variação linguística existente em duas personagens que vivem de certa forma no mesmo espaço geográfico, mas por estarem em realidades opostas, possuem dialetos e expressões tão diferentes. Sendo assim, o curta nos faz refletir sobre a quebra de padrões da sociedade e toda a problemática envolvida na realidade humana. Como afirma SILVA (2016a), a condição social delas é destoante. Sentimos a falta da família de Monick ou da informação se tentaram contato ou não com ela. Seria importante ouvir a visão de Monick quanto a ter uma professora travesti e sua representatividade. Concluímos que apoio e aceitação da família de uma pessoa LGBTQI+ são fundamentais para a sua formação humana e cidadã. (Equipe Cinestésico, 2019)

REFLETINDO O CAMINHAR

A necessidade de trabalharmos cada vez mais com as linguagens audiovisuais na produção de conhecimento, que move as atividades de formação (inicial e/ou continuada) de professores e as realizadas diretamente com estudantes da Educação Básica, torna urgente a “alfabetização” do olhar, a promoção de reflexões junto aos graduandos, aos professores e aos discentes da Educação Básica, bem como à população em geral, e de atividades de extensão que ampliem o modo como esses sujeitos leem o mundo, problematizando o trabalho da mídia. Tal questão ganha relevância particular se pensarmos na importância de

haver procedimentos formativos no âmbito do ensino superior, no campo da formação de professores, voltados para as linguagens e meios audiovisuais. O Parecer CNE/CP/009/2001 sobre as DCN para a Formação de Professores da Educação Básica aponta o problema do preparo inadequado dos professores: cuja formação manteve predominantemente um formato tradicional que não contempla muitas das características consideradas, na atualidade, como inerentes à atividade docente, entre as quais se destacam: orientar e mediar o ensino para a aprendizagem dos alunos; comprometer-se com o sucesso da aprendizagem dos alunos; assumir e saber lidar com a diversidade existente entre os alunos; incentivar atividades de enriquecimento cultural; desenvolver práticas investigativas; elaborar e executar projetos para desenvolver conteúdos curriculares; utilizar novas metodologias, estratégias e materiais de apoio; desenvolver hábitos de colaboração e trabalho em equipe. (p. 04) Se uma das razões do fracasso escolar é a inadequação dos temas, das linguagens, das referências culturais que fundamentam as ações curriculares, bem como os recursos e as metodologias utilizados pelos educadores em sala de aula (NAPOLITANO, 2005) e em outros espaços educativos, é fundamental a inserção de projetos e iniciativas, no âmbito da formação de professores, que possam levá-los ao trabalho pedagógico e extensionista com as linguagens e meios audiovisuais em processos de construção de conhecimento. Além disso, devemos prestar atenção ao próprio papel que os meios audiovisuais possuem por se constituírem em suportes de exercício de autorreflexão crítica dos sujeitos, para que se constituam intersubjetivamente como criadores de conhecimento no

mundo social. As instituições de ensino superior formadoras de professores poderiam incluir a exibição, o debate, a produção e a pesquisa dos meios audiovisuais, incorporando-os como elementos de construção de conhecimento e de autoconstituição de sujeitos reflexivos, cidadãos críticos no mundo midiático globalizado (McLUHAN, 1969). Só exibir e debater filmes não são ações suficientes. É importante possibilitar a licenciandos/as, de modo específico, e à população, de modo geral, não apenas se tornar leitores/as das linguagens e dos meios audiovisuais, mas também autores/as, produtores/as. Fica claro igualmente que, como forma de produção de conhecimento, os meios e as linguagens audiovisuais precisam ser incorporados às atividades de pesquisa, ensino e extensão, e esta inserção precisa ser ela também alvo de investigação, para que se possa avaliar o impacto da sua presença nas atividades formativas.

ALGUNS RESULTADOS E CONCLUSÕES

Expandimos nossos conhecimentos sobre a Linguagem Cinematográfica através das diversas oficinas oferecidas pela Coordenadora e pelos parceiros do Cinestésico; desenvolvemos atividades de exibição e debate no âmbito do Campus da UFPB, junto aos/às licenciand@s e implementamos atividades de exibição e ressignificação dos produtos audiovisuais nas oficinas; desenvolvemos Grupos de Estudos, visando a reflexão crítica na recepção de audiovisuais no âmbito da formação (inicial e continuada) de professores/as, sob a forma de docência e extensão; criamos roteiros, gravamos e editamos produções fílmicas de curta metragem, voltadas para o público em geral, a respei-

to de temas relacionados à pesquisa e às múltiplas realidade da educação, viabilizando sua distribuição e socialização junto à sociedade via redes sociais; refletimos teoricamente sobre a produção e a presença dos produtos e das linguagens audiovisuais na formação de docentes e nos processos de formação escolar, incorporando os recursos audiovisuais como elementos técnico-estético-culturais de ensino, extensão, pesquisa e de produção de conhecimento, à luz das Leis 13.005/2014 e 13.006/2014. Concluímos serem importantes essas atividades para o crescimento da equipe, possibilitando êxito nas ações extensionistas na Educação Básica.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. *Pesquisa Participante*. SP: Brasiliense, 1999.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014.

BRASIL. Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014.

CNE/MEC. DCN para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. DOU de 18/01/2002, Seção 1, p. 31.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 48ª ed, São Paulo: Cortez, 2006.

GADOTTI, M.; PADILHA, P. R.; CABEZUDO, A. *Cidade Educadora: princípios e experiências*. SP: Cortez: IPF, 2004.

GÓMEZ-GRANELL, C.; VILA, I. (orgs). *A Cidade como projeto educativo*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

McLUHAN, M. O meio é a mensagem. RJ: Record, 1969.

NAPOLITANO, M. Como usar o cinema na sala de aula. 2ª ed, São Paulo: Contexto, 2005. THIOLENT, M. Metodologia da Pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, V. de O.; MATTOS, A.; PINTO, C.; SANTANA, F.; e SAIDEL, R. "Vendo e ouvindo atentamente o som em 'Sophia' de Kennel Rógis". In: Cinema Paraibano e Cotidiano – Coletânea Cinema Paraibano e suas Interfaces – Vol. 3. João Pessoa, Editora da UFPB, s.d., no prelo.

SILVA, V. de O. "Amanda e Monick: documentário e ficção". In: Cinema Paraibano e Gênero – Coletânea Cinema Paraibano e suas Interfaces - Vol. 1. João Pessoa: Editora Xeroca!, 2016a, (pp. 151-173).

SILVA, V. de O. "Sacudindo 'A Poeira Dos Pequenos Segredos'". In: Atas do V Congresso Internacional em Estudos Culturais – Gêneros, Direitos Humanos e Ativismos. Coimbra: Grácio Editor, 2016b, (pp. 84-93).

In: MIRANDA, Maria da Conceição Gomes de; NASCIMENTO, Pablo Honorato; FURTADO, Quézia Vila Flor. (Orgs.) **Ciência e Experiência no Centro de Educação:** a extensão universitária em sua relação com a sociedade. Centro de Educação Assessoria de Extensão, 2020. (pp. 469-484)